

Talvez não haja dias da nossa infância que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que cremos ter deixado sem os viver, aqueles que passámos com um livro preferido. Tudo o que os preenchia para os outros, era por nós afastado como um vulgar obstáculo perante um prazer divino: o jogo para o qual um amigo vinha buscar-nos na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol perturbadores que nos forçavam a levantar os olhos da página ou a mudar de lugar, as provisões da merenda que nos tinham obrigado a trazer e que deixávamos ao nosso lado no banco, sem lhes tocar, enquanto, por cima da nossa cabeça, o sol ia perdendo força no céu azul, o jantar que nos obrigara a voltar para casa e durante o qual só pensávamos em subir de novo as escadas para acabarmos, logo a seguir, o capítulo interrompido; de tudo isso, de que a leitura deveria ter-nos impedido de perceber outra coisa que não a importunidade, deixava-nos pelo contrário uma recordação tão doce (tão mais preciosa para o nosso juízo atual, do que aquilo que então líamos com tanto amor), que, se ainda hoje nos acontece folhearmos esses livros de outrora, é apenas como se folheássemos os únicos calendários que tivéssemos guardado dos dias idos, e com a

esperança de vermos refletidos nas suas páginas os lugares e os tanques que já não existem.

Quem não se lembra como eu dessas leituras feitas no tempo das férias que íamos esconder sucessivamente de entre todas as horas do dia naquelas que eram bastante tranquilas e invioláveis para lhes dar asilo? De manhã, ao voltar para casa vindo do parque, quando toda a gente partira para “dar um passeio”, eu escapava-me para a sala de jantar onde, até à hora ainda longínqua do almoço, ninguém entraria além da velha Félicie relativamente silenciosa, e onde teria somente por companheiros, cheios de respeito pela leitura, os pratos pintados pendurados na parede, o calendário cuja folha da véspera fora arrancada de fresco, a pêndula e o lume que falam sem pedir que se lhes responda e cujas doces palavras vazias de sentido não vêm, como as que os homens dizem, substituir um sentido diferente ao das palavras que estamos a ler. Instalava-me numa cadeira, junto ao pequeno fogo de lenha, do qual, durante o almoço, o tio madrugador e jardineiro diria: “Não é coisa que faça mal! Um pouco de lume suporta-se muito bem; garanto-vos que às seis horas na horta fazia frio a valer. E dizer que a Páscoa é dentro de oito dias!” Antes do almoço que, infelizmente!, poria fim à leitura, restavam ainda duas longas horas. De quando em quando, ouvia-se o som da bomba que puxava a água e que nos fazia levantar os olhos e olhá-la através da janela fechada, ali, muito próxima, na única álea do pequeno jardim que orlava de tijolos e de faianças em meia-lua os seus canteiros de amores-perfeitos: amores-perfeitos colhidos, dir-se-ia, em céus muito belos, esses céus versicolores e como que refletidos dos vitrais da igreja que por vezes se viam entre os telhados da aldeia, céus tristes que apareciam antes das trovoadas, ou depois delas, demasiado tarde, quando ia acabar o dia. Infelizmente a cozinheira vinha pôr a mesa com

muito tempo de antecedência; se ao menos a pusesse sem falar! Mas sentia-se na obrigação de dizer: “Não está bem assim; e se eu pusesse aí uma mesa ao pé de si?” E só para se lhe responder: “Não, muito obrigado”, era necessário interromper bruscamente e fazer voltar de longe a voz que, no interior dos lábios, repetia sem ruído, correndo, todas as palavras que os olhos tinham lido; era preciso detê-la, fazê-la sair, e, para se poder dizer convenientemente: “Não, muito obrigado”, dar-lhe uma aparência de vida comum, uma entoação de resposta, que ela perdera. O tempo passava; era frequente, muito antes do almoço, começarem a aparecer na sala de jantar os que, sentindo a fadiga, tinham abreviado o passeio, “vindo por Méséglise”, ou os que, “tendo de escrever”, não tinham saído naquela manhã. É verdade que diziam: “Não quero incomodar-te”, mas logo a seguir começavam a aproximar-se do lume, a ver as horas, a declarar que o almoço não seria mal recebido. Uma deferência particular rodeava aquele ou aquela que tinha “ficado a escrever” e a quem os outros diziam: “Isso é que foi pôr a correspondenzinha em dia”, com um sorriso em que havia respeito, mistério, malícia e preocupação, como se a “correspondenzinha” em causa fosse ao mesmo tempo um segredo de Estado, uma prerrogativa, uma felicidade inesperada e uma indisposição. Alguns, não querendo esperar mais, sentavam-se antecipadamente à mesa, nos seus lugares. Aquilo era uma desolação, porque seria um mau exemplo para os outros que iam chegando, e levaria a pensar que era já meio-dia, fazendo com que antes do tempo os meus pais pronunciassem as palavras fatais. “Vamos lá, fecha o livro, são horas de almoço”. Tudo estava no seu lugar, os talheres e o serviço bem postos em cima da toalha e faltava apenas que se trouxesse no fim do repasto o aparelho de vidro em que o tio horticultor e cozinheiro fazia ele mes-

mo o café à mesa — um aparelho tubular e complicado como um instrumento de física que cheirasse bem e no qual era tão agradável ver subir na campânula de vidro a ebulição súbita que deixava logo a seguir nas suas paredes embaciadas uma borra aromática e castanha; e também as natas e os morangos que o mesmo tio misturava, em proporções sempre idênticas, detendo-se precisamente no tom rosa certo com a experiência de um colorista e o dom divinatório de um glutão. Como me parecia demorado o almoço! A minha tia-avó limitava-se a provar os pratos para dar o seu parecer com uma doçura que suportava, mas não admitia, a contradição. Quando se tratava de um romance, de versos, coisas que conhecia perfeitamente bem, aceitava sempre, com uma humildade de mulher, o juízo de terceiros mais competentes. Pensava que esse domínio era o domínio flutuante do capricho no qual o gosto de um só não pode determinar a verdade. Mas sobre as coisas cujas regras e cujos princípios lhe tinham sido ensinados pela sua mãe, sobre a maneira de fazer certos pratos, de tocar as sonatas de Beethoven e de receber com amabilidade, tinha a certeza de ter uma ideia justa da perfeição e de saber discernir se os outros se aproximavam dela em maior ou menor grau. Nos três casos, de resto, a perfeição em causa era quase a mesma: uma espécie de simplicidade nos meios, de sobriedade e de encanto. Rejeitava com horror que se pusessem especiarias nos pratos que em absoluto as não exigissem, que se recorresse aos pedais do piano com afetação e abuso, que ao “receber” se fosse além de uma naturalidade perfeita e se falasse da sua própria pessoa com exagero. Desde o primeiro bocado à mesa, às primeiras notas, por um simples bilhete, pretendia saber se estava diante de uma verdadeira cozinheira, de um verdadeiro músico, de uma mulher bem-educada. “Pode ter muito melhores dedos do que eu, mas é uma falta de gosto

tocar com tanta ênfase um andante tão simples”. “Pode ser uma mulher muito brilhante e cheia de qualidades, mas é uma falta de tato falar de si mesma em tal circunstância”. “Pode ser uma cozinheira muito sabedora, mas não sabe fazer um *bifteck aux pommes*. O *bifteck aux pommes*! — prato de concurso ideal, difícil justamente pela sua simplicidade, uma espécie de *Sonata Patética* da cozinha, equivalente gastronómico do que é na vida social a visita da senhora que vem para pedir informações sobre um criado e que, num ato tão simples, pode em tão alto grau dar provas, ou revelar falta, de tato e de educação. O meu avô tinha tanto amor-próprio que teria querido que todos os pratos fossem um sucesso, e sabia tão pouco de cozinha para poder alguma vez dar-se conta de que tivessem saído mal. Admitia sem dúvida que por vezes fosse esse o caso, muito raramente de resto, mas somente por simples efeito do acaso. As críticas sempre motivadas da minha tia-avó, implicando pelo contrário que a cozinheira não soubera fazer certo prato, não podiam deixar de parecer particularmente intoleráveis ao meu avô. Muitas vezes, para evitar discussões com ele, a minha tia-avó, depois de provar o prato apenas com os lábios, não dava a sua opinião, o que, de resto, nos fazia reconhecer imediatamente que esta era desfavorável. Calava-se, mas nós líamos nos seus olhos doces uma reprovação inabalável e refletida que tinha o dom de pôr o meu avô furioso. Rogava-lhe ironicamente que desse a sua opinião, impacientava-se com o silêncio dela, assediava-a com perguntas, exaltava-se, mas sentia-se que seria mais fácil conduzi-la ao martírio do que fazê-la confessar a crença do meu avô: que a sobremesa não tinha açúcar a mais.

Acabado o almoço, a minha leitura recomeçava logo a seguir; sobretudo se o dia estivesse um pouco quente, cada um de nós subia “retirando-se para o seu quarto”, o que me